

BARREIRAS (BA), BALSAS (MA), URUÇUI (PI): TRÊS CIDADES PARA O AGRONEGÓCIO

Vicente Eudes Lemos Alves - Doutorando em Geografia Humana do Depto de Geografia – FFLCH-USP. Bolsita do CNPq
veudes@terra.com.br

A capacidade de se mobilizar (característica que lhe é própria) permite ao capital implantar sua lógica em lugares antes organizados a partir de relações tradicionais de produção. Os cerrados nordestinos apresentam-se atualmente como um novo espaço estratégico de mobilização do capital e do trabalho, o que permite redefinir ali novas configurações sociais, econômicas e espaciais.

A região em questão aparece, nos últimos anos, como um pólo de modernização que se destaca a partir da instalação de grupos econômicos do setor agroindustrial. A territorialização desse capital impulsionou importantes mudanças em curso tanto no espaço rural quanto no espaço urbano. No primeiro, ocorreram alterações na estrutura produtiva passando de espaço de uso camponês e de pecuária extensiva para espaços, predominantemente, de agricultura modernizada com forte presença de meios técnicos modernos. No segundo, desenvolvem-se novas dimensões como resultados da instalação de empresas e produtores agrícolas os quais ampliam o consumo consuntivo e o consumo produtivo (SANTOS, 1993).

Surgem, desse movimento, três núcleos urbanos que se expandem velozmente e tornam-se referência como lugares de acontecimento do agronegócio. Trata-se das cidades de Barreiras (BA), Balsas (MA) e Uruçui (PI). Apesar de apresentarem níveis diferenciados de desenvolvimento econômico que resultaram - na recente história de modernização da região - de ocupação em momentos diferentes, esses três pólos fazem parte de um mesmo processo de expansão da agricultura capitalista nos cerrados nordestinos.

As ações governamentais através de programas de desenvolvimento agropecuário (Prodecer, Codevasf, etc.) contribuíram, desde a década de 1970, para que Barreiras tomasse a dianteira na difusão de uma nova dinâmica econômica na região. Atualmente, a cidade concentra as principais indústrias, atividades comerciais e serviços, fato que polariza as demais cidades do oeste baiano, sul do Piauí e do Maranhão e norte de Goiás.

Balsas é um outro centro urbano importante nos cerrados nordestinos. Embora os primeiros agentes econômicos modernizadores tenham chegado ao sul do Maranhão no final dos anos de 1970, somente nos anos de 1990 a cidade ganha expressão no contexto do Nordeste Ocidental, após abrigar empresas agropecuárias e agricultores sulistas interessados em ocupar terras baratas e receber incentivos governamentais. A partir de então, Balsas assume o papel de centro urbano que oferece os equipamentos econômicos para atender as necessidades do produtor agrícola dos cerrados maranhenses e piauienses,

gerando, por conseguinte, uma urbanização crescente produzida também pelos fluxos migratórios de pessoas dos municípios vizinhos em busca de ocupação.

Tais transformações também chegam aos cerrados piauienses, a mais recente área a despertar interesses de grupos econômicos empresariais e de agricultores, principalmente do Sul do Brasil, mas que já migraram por outras regiões de fronteiras agrícolas. A cidade de Uruçui é, nesse momento, a que melhor representa o processo de modernização agropecuária do Sul do Piauí. De antiga cidade com pouco dinamismo econômico transforma-se em centro de prestação de comércio e serviços especializados, recebendo um volume considerável de empresas, inclusive grandes grupos econômicos, como a Bunge Alimentos - instalada em 2003. A dinâmica urbana de Uruçui assemelha-se à ocorrida nas outras duas cidades, respectivamente no oeste baiano e no sul maranhense.

Além de agregar novos serviços para atender as necessidades dos grupos econômicos do agronegócio, esse movimento cria também, nas três cidades, outras dimensões para o espaço urbano, como o aparecimento da expressiva especulação imobiliária que se tornou uma das principais questões na fronteira agrícola dos cerrados nordestinos. Incorporam-se no núcleo urbano pessoas e empresas de posse de mais recursos financeiros, produzindo novas modalidades de conflitos e de segregação espacial.

Pretende-se, portanto, nessa investigação, apontar as novas dinâmicas de três cidades dos cerrados nordestinos que despontam como centros urbanos importantes para o desenvolvimento do agronegócio. São espaços escolhidos pelo capital para dar suporte as demandas surgidas pelos novos consumos derivados da produção agropecuária. Se, por um lado, essas cidades são portadoras dos meios técnicos avançados que destoam de outras cidades do entorno, elas também são, por outro lado, portadoras de novas desigualdades no espaço intra-urbano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, V.E.L. – **Formação Territorial Sul Piauiense: Modernização Agropecuária e Resistência Camponesa.** São Paulo, FFLCH-USP, Dissertação mestrado, 2000.

ARAÚJO, T.B. de – “Nordeste, Nordestes: Que Nordeste?”. In: AFFONSO, R.B.A. & SILVA, P.L.B. (orgs.) – **Federalismo no Brasil.** São Paulo, Fundap/Ed.Unesp, 1995.

HAESBAERT, R. – **Desterritorialização e Identidade: A Rede “Gaúcha” no Nordeste.** Niterói/RJ, EDUFF, 1997.

OLIVEIRA, A.U. de – “A Geografia Agrária e as Transformações Territoriais Recentes no Campo Brasileiro”. In: CARLOS, A.F.A. (org.) – **Novos Caminhos da Geografia.** São Paulo, Contexto, 2002.

SANTOS, M. – **A Urbanização Brasileira.** São Paulo, Hucitec, 1993.

BARREIRAS (BA), BALSAS (MA), URUÇUI (PI): TRES CIUDADES PARA EL AGRONEGOCIO

Vicente Eudes Lemos Alves
veudes@terra.com.br

La capacidad de movilizarse (característica que le es propia) permite al capital implantar su lógica en lugares antes organizados a partir de relaciones tradicionales de producción. Los cerrados nordestinos se presentan actualmente como un nuevo espacio estratégico de movilización del capital y del trabajo, lo que permite redefinir allí nuevas configuraciones sociales, económicas y espaciales.

La región en cuestión aparece, en los últimos años, como un polo de modernización que se destaca a partir de la instalación de grupos económicos del sector agroindustrial. La territorialización de ese capital impulsó importantes cambios en curso tanto en el espacio rural como en el espacio urbano. En el primero, hubo alteraciones en la estructura productiva pasando de espacio de uso campesino y de ganadería extensiva para espacios, predominantemente, de agricultura modernizada con fuerte presencia de medios técnicos modernos. En el segundo, se desarrollan nuevas dimensiones como resultado de la instalación de empresas y productores agrícolas, los cuales amplían el consumo consuntivo y el consumo productivo (SANTOS, 1993).

Surgen, de ese movimiento, tres núcleos urbanos que se expanden velozmente y se tornan referencia como lugares de acontecimiento del agronegocio. Se trata de las ciudades de Barreiras (BA), Balsas (MA) e Uruçui (PI). A pesar de presentar niveles diferenciados de un desarrollo económico que resultó – en la reciente historia de modernización de la región – de una ocupación en momentos diferentes, esos tres polos hacen parte de un mismo proceso de expansión de la agricultura capitalista en los cerrados nordestinos.

Las acciones gubernamentales a través de programas de desarrollo agropecuario (Proceder, Codevasf, et.) contribuyeron, desde la década de setenta, para que Barreiras tomase la delantera en la difusión de una nueva dinámica económica en la región. Actualmente, la ciudad concentra las principales industrias, actividades comerciales y servicios, hecho que polariza la demás ciudades del oeste baiano, sur de Piauí y de Maranhão y norte de Goiás.

Balsas es otro centro urbano importante en los cerrados nordestinos. Aunque los primeros agentes económicos modernizadores hayan llegado a sur de Maranhão a fines de los años setenta, solamente en los años noventa la ciudad gana expresión en el contexto del Nordeste Occidental, después de abrigar empresas agropecuarias y agricultores del sur interesados en ocupar tierras paratas y recibir incentivos gubernamentales. A partir de entonces, Balsas asumirá el papel de centro urbano que ofrece equipamientos económicos

para atender las necesidades del productor agrícola de los cerrados maranhenses y piauienses, generando, por consiguiente, una urbanización creciente producida también por los flujos migratorios de personas de los municipios vecinos en busca de ocupación.

Tales transformaciones también llegan a los cerrados piauienses, la más reciente área a despertar el interés de grupos económicos empresariales y de agricultores, principalmente del Sur de Brasil, pero que ya habían migrado de otras regiones de fronteras agrícolas. La ciudad de Uruçuí es, en ese momento, la que mejor representa el proceso de modernización agropecuaria del Sur de Piauí. De antigua ciudad con poco dinamismo económico se transforma en centro de prestación de comercio y servicios especializados, recibiendo un volumen considerable de empresas, inclusive grandes grupos económicos, como Bunge Alimentos – instalada en 2003. El dinamismo urbano de Uruçuí es parecida a la ocurrida en otras dos ciudades, respectivamente en el oeste baiano y en el sur maranhense.

Además de agregar nuevos servicios para atender las necesidades de los grupos económicos del agronegocio, ese movimiento crea también, en las tres ciudades, otras dimensiones para el espacio urbano, como el apareamiento de una expresiva especulación inmobiliaria que se tornó una de las principales cuestiones en la frontera agrícola de los cerrados nordestinos. Se incorporan al núcleo urbano personas y empresas con mayores recursos financieros, produciendo nuevas modalidades de conflictos y de segregación espacial.

Se pretende, por lo tanto, en esta investigación, apuntar las nuevas dinámicas de tres ciudades de los cerrados nordestinos que despuntan como centros urbanos importantes para el desarrollo del agronegocio. Son espacios elegidos por el capital para dar soporte a las demandas surgidas por los nuevos consumos derivados de la producción agropecuaria. Si, por un lado, esas ciudades son portadoras de los medios técnicos avanzados que se destacan con relación a otras ciudades del entorno, ellas también son, por otro lado, portadoras de nuevas desigualdades en el espacio intra-urbano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, V.E.L – **Formação Territorial Sul Piauiense: Modernização Agropecuária e Resistência Camponesa.** São Paulo, FFLCH-USP, Dissertação mestrado, 2000.

ARAÚJO, T.B. de – “Nordeste, Nordestes: Que Nordeste?”. In: AFFONSO, R.B.A. & SILVA, P.L.B. (orgs.) – **Federalismo no Brasil.** São Paulo, Fundap/Ed.Unesp, 1995.

HAESBAERT, R. – **Desterritorialização e Identidade: A Rede “Gaúcha” no Nordeste.** Niterói/RJ, EDUFF, 1997.